

Folha de S. Paulo

15/5/1985

A jornada da cortadora de cana

Irede Cardoso

Em meio a discussões ridículas sobre quem, vai para o Ministério da Cultura que, segundo os machistas ao avesso, tem que ter uma mulher à frente (certamente porque Cultura, neste País, é algo inteiramente incompreendido, confundido com manifestações artísticas, da mesma forma que se continua a ignorar amplamente a luta da mulher), culturalmente continuamos machistas.

Mas o que não deveria espantar, é o fato de a classe trabalhadora estar mais e mais incorporando às suas reivindicações a luta pela conquista dos direitos das mulheres. Na questão do transporte, as entidades patronais se recusaram a aceitar um dos itens da pauta do sindicato de trabalhadores, que era exatamente o de acabar com a discriminação sofrida pelas mulheres enquanto motoristas e cobradoras. Um lacônico "não" deu por encerrada a discussão.

Conversando com José de Fátima, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Guariba, pudemos perceber, em enorme grupo de mulheres, que o jovem cortador de cana é extremamente sensível ao problema da jornada extra das mulheres, além da dupla, é claro, e do salário menor. Aliás, para conquistar a adesão das cortadoras de cana, a Fetaesp (Federação dos Trabalhadores da Agricultura do ESP) colocou suas reivindicações na pauta apresentada à Faesp (Federação dos Agricultores do ESP).

Mas, é claro, as cortadoras de cana não tiveram suas reivindicações atendidas da mesma forma. E quais são elas? São simples: que a trabalhadora rural tenha assegurado o direito de licença remunerada após o quinto mês de gravidez e estabilidade de sessenta dias após a licença legal. É preciso observar, segundo manifesto elaborado por estas mulheres, que as cortadoras de cana se levantam às 4 da manhã (madrugada, seria mais exato), preparam comida para elas mesmas e para a família e ainda cuidam dos filhos antes de embarcarem no caminhão que as transporta ao trabalho, iniciando a jornada às 6 horas.

A partir de então, faz enorme esforço físico para cortar e amontoar a cana, sob sol, chuva, muitas vezes ajudada pelos filhos menores e outras carregando no ventre aquele que vai, muito provavelmente, engrossar as fileiras dos cortadores de cana no futuro. Outra reivindicação, desta vez em consequência das condições desumanas de trabalho, diz respeito à época de menstruação, em que ela é obrigada a trabalhar sem dispor de sanitários.

Lembro-me sempre de Millôr Fernandes quando mulheres trabalhadoras começam a discutir a questão do corpo. A impressão sobre isto tudo é que a mulher, ao que parece, não foi feita para tal tipo de trabalho. Creio mesmo que ninguém foi feito para fazer o trabalho que máquinas poderiam fazer melhor e mais rapidamente. Ocorre ainda que os homens estão cada vez mais deixando este tipo de trabalho. Resultado: atualmente, 50% dos trabalhadores do campo são mulheres.

Ou os representantes da Faesp aceitam as reivindicações apresentadas pela Fetaesp ou explicam porque empregam tantas e tantas mulheres. Seu trabalho é rendoso? Produtivo? Nada há de mais doloroso do que ver o Poder mostrar tal inconsciência em relação a seus deveres mais comezinhos.

O desenvolvimento econômico não terá o menor sentido se não respeitar a vida e as futuras gerações. E é por isso que o Brasil ainda não tem sentido. Todavia, os trabalhadores e as mulheres, em particular, já aprenderam que nada podem esperar do "altruísmo" dos poderosos. E é por isso que decidiram levar sua luta com uma energia que até assusta quem não está vendo de perto o drama desta opressão que se alonga em demasia no correr do tempo.

(Ilustrada — Página 3)